



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**BRASILEIRAS E VENEZUELANAS NA ESPANHA: Similitudes e diferenças  
nas trajetórias migratórias e o processo de pertencimento**

FRANCILENE DOS SANTOS RODRIGUES

francerodrigues@yahoo.com.br

Universidade Federal de Roraima

Brasil/Roraima



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### Resumo

Esse trabalho pretende comparar as trajetórias migratórias de brasileiras e venezuelanas e as(re)negociação das identidades nacionais. Historicamente, Brasil e Venezuela foram países de acolhimento até meados do século XX. No entanto, nas últimas duas décadas, EUA, Espanha e Japão tem se configurado como destinos de grande parte de latino-americanos. Da migração para a Europa o destino prioritário é a Espanha. Em 2006, o Brasil respondia por 10,5% de todo o fluxo de latino-americanos para a Espanha. A Venezuela representava apenas 4,4% do total de latinos. Segundo os dados de 2007 do INE-Instituto Nacional de Estadística/Espanha, o Brasil ocupava a 6ª colocação e os venezuelanos ocupavam a 9ª colocação entre os latino-americanos. Brasileiras e venezuelanas possuem experiências migratórias distintas e representam diferentemente o pertencimento às unidades socioculturais. Aspectos étnicos, culturais e de gênero interferem, diferentemente, nas trajetórias migratórias possibilitando ou não a integração na sociedade de acolhimento. Na Espanha, as brasileiras vivenciam preconceitos e estigmas que derivam do fato de serem latino-americanas, mas também pela erotização relacionada à tropicalidade e a suposta disponibilidade sexual construída historicamente pela associação entre sexualidade e mestiçagem, entre gênero e nacionalidade. Já para as venezuelanas, essa estigmatização é mais subliminar, uma vez que é uma migração recente, pouco visibilizada e estudada.

**Palavras-chave:** migração; brasileiras e venezuelanas; gênero; nacionalidade; etnicidade.

### ABSTRACT

This work intends to compare the migratory trajectories of Brazilians and Venezuelans and (re) negotiation of national identities. Historically, Brazil and Venezuela were host countries until the mid-twentieth century. However, in the last two decades, the USA, Spain and Japan have been configured as destinations for much of Latin America. From migration to Europe the priority destination is Spain. In 2006, Brazil accounted for 10.5% of the total flow of Latin Americans to Spain. Venezuela accounted for only 4.4% of all Latinos. According to 2007 INE data, Brazil ranked 6th and Venezuelans ranked 9th among Latin Americans. Brazilians and Venezuelans have distinct migratory experiences and represent membership of socio-cultural units differently. Ethnic, cultural and gender aspects interfere, differently, in the migratory trajectories allowing or not the integration in the host society. In Spain, Brazilians experience prejudices and stigmas that derive from the fact that they are Latin American, but also from the eroticization related to tropicality and the supposed sexual availability historically built by the association between sexuality and mestizaje, between gender and nationality. As for the Venezuelans, this stigmatization is more subliminal, since it is a recent migration, little seen and studied.

**Key words:** migration; Brazilians and Venezuelans; genre; nationality; Ethnicity.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### **I. Introducción**

Este texto tem como objetivo apresentar os resultados parciais da pesquisa de pós-doutoramento realizada, no período de janeiro a dezembro de 2016, junto ao Centro de Estudios Migratorios (CIM), na Universidad Interuniversitaria de Huelva, Espanha com bolsa de estágio pós-doutoral no exterior da CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, agência brasileiro de fomento á pesquisa e formação docente. A pesquisa, na verdade, foi iniciada, ainda, no âmbito do Programa Santander de Bolsa de Mobilidade Internacional, no período de setembro a novembro de 2015 junto ao Grupo de Estudios de Imigracion y e Minorias Étnicas-GEDIME, na Universidad Aberta de Barcelona-UAB, Espanha,

O problema de pesquisa é uma comparação das trajetórias migratórias e das relações de gênero de brasileiras e venezuelanas, bem como do processo de (re) negociação das identidades nacionais (brasilidade e venezuelanidade) em contexto migratório na Espanha. Esse problema emerge da constatação do crescimento do número de mulheres protagonistas das migrações transnacionais, em especial, das latino-americanas. Brasileiras e venezuelanas possuem experiências migratórias distintas, bem como representam diferentemente o pertencimento às unidades socioculturais ao mesmo tempo em que são também representadas distintamente nas sociedades de acolhimento. Aspectos étnicos, culturais e de gênero interferem, diferentemente, nas trajetórias migratórias possibilitando ou não a integração na sociedade de acolhimento.

Dessa forma, tivemos como objetivos específicos o mapeamento dos lugares e espaços sociais de brasileiras e venezuelanas na Espanha, em especial Sevilha e Barcelona; traçamos um perfil dessas mulheres e suas trajetórias imigratórias; verificamos suas estratégias de pertencimento à cultura nacional e, ainda, as formas de negociação nas relações de gênero e papéis sociais na sociedade de acolhimento.

### **II. Marco teórico/marco conceptual**



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Durante a pesquisa utilizei categorias analíticas com base na literatura dos estudos migratórios como *transnacionalismo*, *globalização*, *sistema mundial* e *divisão internacional do trabalho* que possuem similaridades temáticas. No entanto, a particularidade da categoria *transnacionalidade* reside, segundo Ribeiro (1997), no fato de apontar para uma questão central que é a relação entre territórios e os diferentes arranjos sócio-culturais e políticos que orientam as maneiras como as pessoas representam pertencimento tanto às unidades socioculturais, como políticas e econômicas. Já o processo de globalização ou “tempos de globalização”, conforme Matos (2003, p.10) é “una tendencia histórica de largo plazo hacia la interconexión mundial de las gentes del planeta, sus culturas e instituciones, la cual ha resultado de muchos procesos sociales diferentes. Estos procesos sociales producen, entre otras cosas, formas tendentes a la interconexión mundial y por ello pueden denominarse *procesos globalizadores* ou *procesos de globalización*”.

No entanto, entendemos também que estes “processos de globalização” e interconexões mundiais que se desenvolvem de maneira simultânea e combinada, não são novos, principalmente ao se tratarem de migrações transnacionais. O que se pode afirmar é que os processos de deslocamentos transnacionais após a segunda metade do século XX configuram-se com maior diversidade (gênero, geracional, lugares de destinos) e complexidade. Diferentemente do que ocorreu em períodos anteriores (entre meados do século passado e a Primeira Guerra), a internacionalização dos fluxos de trabalhadores recentes enfrenta restrições cada vez mais severas em contradição com a dita economia “global” e “sem fronteiras”. Se, como diz Batista Jr. (1994, p.134) referindo-se ao período até a Primeira Guerra, “naquela época os imigrantes obtinham cidadania com facilidade e os passaportes eram raramente necessários”, hoje, além dos muros concretos e simbólicos erguidos para controlar e restringir o movimento e circulação de pessoas e da força de trabalho gerando o não-cidadão que vive no limbo e desprovido de quaisquer direitos mínimos de cidadania (BONILLA, 2004).

Isso é favorecido pela atual divisão internacional do trabalho que subdivide o mundo em regiões periféricas (periferia, semi-periferia) onde predomina a baixa poupança, por conseguinte, baixos investimentos e baixa qualificação da força de trabalho e com Estados débeis com baixo



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

nível de autonomia e um centro com predominância de capital acumulado e de alta capacitação da força de trabalho (WALLERSTEIN, 1974a). Em síntese, a economia-mundo moderna é essencialmente capitalista e como consequência da nova divisão internacional do trabalho, impulsionada por esta nova globalização a procura por mão-de-obra barata faz com que as grandes empresas busquem força de trabalho em todo o mundo ( MARTINS, 2015, p.105).

Ai entra a mobilidade internacional de mão de obra como forma de manter a força de trabalho *provisória, temporária, em transitio* garantindo uma reserva dessa mão de obra e, conseqüentemente, sua exploração ao extremo ( SAYAD, 1991).

A segmentação da força de obra é outro aspecto do desenvolvimento e acumulação capitalista desde o século XIX (ENGELS, 2008). A mão de obra de mulheres e crianças faz parte desse processo que antecedeu às segmentações étnicas das migrações atuais. A divisão internacional do trabalho em período pós-fordista foi reorganizada por meio da mobilidade da mão de obra estrangeira que as alocou em setores da *economia invisível* ou *subterrânea* (BASTOS e SILVA, 1995) e reproduzindo as diferenças de gênero que vinculam e atribuem a homens e mulheres papéis diferentes no seio da sociedade. Esse processo de diferenciação ancorado e hierarquizado nas desigualdades de gêneros, aprofundou e consolidou a vulnerabilidade e a violência com base no gênero.

Podemos falar que a feminização das migrações internacionais passa a ser uma tendência mundial mencionada por muitos estudiosos. A tendência à feminização significa não apenas a intensidade dos fluxos de migração feminina, mas, refere-se principalmente ao processo de autonomização das mulheres e seu papel como protagonistas dos projetos migratórios familiares e não apenas sujeitas às lógicas de reagrupamento familiar. A migração feminina pode vir a configurar-se como um fator de democratização das relações de gênero, como uma saída possível para relações de dominação vividas como insuportáveis nos países de origem (PERALVA, 2007). No entanto, pode também converter-se em um dos vetores das múltiplas violências sofridas pelas mulheres na contemporaneidade e até mesmo reforçar os padrões patriarcais tanto nas sociedades de origem como de destino (FERNANDES, 2014; BASTIA, 2014; TORRES e OLIVEIRA, 2012).



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Observa-se, uma diversificação tanto em nível de dispersão espacial dos fluxos migratórios como cresce também a importância de uma migração feminina que se autonomiza em relação à migração masculina tradicional, representando hoje entre 47.3 e 48.6% do conjunto da migração mundial. Mais concretamente, a migração feminina passa de 48.2% em 1980 a 50.2% em 2000 na América Latina e no Caribe; de 50.2 % a 50.6 % nos países desenvolvidos no mesmo período, à exceção do conjunto formado pela antiga URSS (PERALVA, 2007, p. 9). Porém, é necessário destacar que as mulheres sempre estiveram presentes nos processos migratórios ao longo da história e o aumento de estudos que consideram a questão de gênero corroboraram significativamente para essa visibilidade. Ademais, vem ocorrendo um crescimento substancial do número de mulheres que migram sozinhas por diversos motivos, desde, a fuga de relações violentas ou de estruturas familiares patriarcais, além da conquista da emancipação que não é apenas econômica.

### **III. Metodología**

A metodologia utilizada foi a qualitativa, uma vez que o tema migração transnacional configura-se como um problema de investigação de alto grau de complexidade. No entanto, não prescindimos da utilização dos dados quantitativos como instrumento de pesquisa exploratória. No entanto, do ponto de vista do método, priorizamos a análise qualitativa que revela os conflitos, as contradições e o processo histórico que desenha tal realidade das migrações de brasileiras e venezuelanas para a Espanha. Os instrumentos de coleta de dados foram as pesquisas documentais, a observação com registro de campo, entrevista aberta e/ou semiestruturada, o registro audiovisual (quando consentido) e as narrativas das histórias de vida.

A pesquisa documental foi a primeira etapa da pesquisa incluiu o levantamento de dados estatísticos sobre a migração de brasileiros/as e venezuelanos/os junto Entre esses dados incluem-se dados estatísticos sobre a migração de brasileiros/as e venezuelanos/os no INE – Instituto Nacional de Estadística, da Espanha, Ministério das Relações Exteriores do Brasil, Embaixada e Consulado do Brasil em Barcelona; Instituto Andaluz de la Mujer e Consejería de Igualdad y Políticas Sociales, ambas de la Junta de Andalucía. Buscamos dados junto à algumas organizações não



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

governamentais, tais como EL COMEDOR SOCIAL DEL PUMAREJO (Sevilla), Andalucía ACOGE, Asociación de Mujeres Inmigrantes en Acción AMIA( Huelva), entre outras. Pesquisei também grupos nas redes sociais, como *Venezuelanos na Espanha; Venezuelanos na Catalonia, Venezolanos em Barcelona – Espanha; Brasileiros em Barcelona; Brasileiros em Sevilla, Brasileiros en Catalonia*, entre outros. Alguns desses grupos são públicos e outros privados que, requererem autorização do gerenciador do grupo para ser aceito. Esses sítios foram importantes para entender as estratégias de comunicação entre as comunidades nacionais venezuelanas e brasileiras. Alguns outros sítios de ajuda e apoio aos migrantes na Espanha também foram pesquisados.

A segunda etapa da pesquisa consistiu no mapeamento e identificação dos lugares de frequência, moradia e trabalho das imigrantes brasileiras e venezuelanas nas cidades de Sevilla e Barcelona pelo processo de *flaneur* pelas cidades e por meio de redes de contatos organizadas a partir do Brasil. Realizei um mapeamento e identificação dos lugares de frequência, moradia e trabalho das imigrantes brasileiras e venezuelanas nas cidades de Sevilla ( fevereiro a junho de 2016). Em Barcelona, esse mapeamento foi realizado durante os três meses em estive no intercâmbio com o GEDIME/UAB, de setembro a novembro de 2015. Nesse período realizei os contatos com as mulheres venezuelanas. O contato em Barcelona com uma venezuelana amiga era anterior a minha chegada e a partir dela pude alocar um lugar de moradia com outra venezuelana que indicou os contatos posteriores em um processo de *bola de neve*. Em Barcelona pude estabelecer uma boa rede, no entanto, a eleição dos interlocutores foram exclusivamente as mulheres, das mais diversas idades e tempo de chegada a Espanha. Em Barcelona, o contato com brasileiras foi mais restrito e acessamos uma e outra em Valencia. Também em Valencia entrevistamos uma venezuelana. Em Sevilha o processo de contato foi estabelecido já na cidade. Ai, conseguimos ao longo da pesquisa contatar em torno de 15 brasileiras, no entanto, as entrevistas se reduziram a 06 entrevistadas.

Visitei e conversei com vários pesquisadores que trabalham a migração latino-americana na Espanha. Tanto em Sevilla como em Barcelona o processo de *flaneur* pela cidade foi importante para localizar alguns empreendimentos administrados por brasileiros e venezuelanos, tais como bares, restaurantes, lojas, entre outros. Participei de dois eventos: Em Barcelona, “Día de Brasil



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

2016-Barcelona”, em 04 de setembro, 8ª. Edição; e, em Sevilla, “La Féria de las Naciones”, de 16 de setembro a 30 de outubro, 3ª. Edição. Além desses eventos, frequentei outros eventos promovidos por brasileiros em diversos espaços da cidade, como a Roda de Samba de Sevilla, apresentação de capoeira, oficina de forró, entre outros. Esses eventos foram importantes para identificar as formas e estratégias de pertencimento de brasileiras e venezuelanas.

A terceira etapa consistiu na identificação dos aspectos pertinentes à realidade migratória, no mapeamento das trajetórias e estratégias migratórias e de pertencimento, bem como nos perfis, narrativas e histórias de vida, das relações sociais e de gênero. Já estabelecida a confiança e vínculos afetivos com as interlocutoras de pesquisa realizei entrevistas livres e, posteriormente, com gravação de audiovisual. Foram 06 (seis) venezuelanas e 05 (cinco) brasileiras. Com algumas dessas interlocutoras foram mais de um encontro, em convivência em outros espaços. Foram muitas horas de gravações, todas transcritas e desgravadas.

Outro momento da pesquisa, já no Brasil foi a análise das entrevistas. Os procedimentos de preparação consistiram na transcrição realizada por estudantes de pós-graduação com domínio da língua espanhola e portuguesa. Realizamos o procedimento de conferência de fidedignidade em que checamos o áudio com o texto transcrito; posteriormente, as entrevistas foram editadas, mas mantidas as duas versões. A outra fase da análise consistiu na fragmentação e segmentação em unidades de significação (categoria de análises) e, posteriormente interpretação de cada unidade articulando-as entre si, tendo por objetivo a formulação de hipóteses explicativas. Os resultados dessas análises foram cruzadas com registros de observações de campo, dados quantitativos, matérias jornalísticas, documentos históricos, artigos, entre outros.

#### **IV. Análisis y discusión de datos**

Os estudos sobre migrações transnacionais demarcam, prioritariamente, a segunda metade do século XIX e início do século XX como o período de deslocamentos populacionais do continente europeu para o americano. Este foi período em que os países da América receberam os migrantes da



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Europa, em especial da Espanha, Portugal e Itália. Baeninger (2002) estima que até os anos 1970, desembarcam aproximadamente 21 milhões de imigrantes ultramarinos na América. Essas pessoas migravam com o objetivo de suprir a carência de mão-de-obra nas lavouras de países como o Brasil, por exemplo, que, de 1880 a 1903, recebeu o primeiro grande contingente de europeus, totalizando mais de 1.850.985 de pessoas.

Brasil e a Venezuela vivenciaram diversas fases como países receptores de migrantes. O Brasil funcionou como país receptor até a década de 1960 e, a partir daí, passou a exportar mão-de-obra, principalmente para os Estados Unidos, alguns países da Europa e Japão dentro de um novo contexto social, político e cultural (RODRIGUES, 2009). A Venezuela alternou esse papel de receptor nas décadas de 1950 e de 1970 a 1990, com uma redução de imigração internacional nos anos 1960. Nos anos 1970, com a recuperação econômica, o boom petrolífero e com política atração e seleção de mão-de-obra qualificada a Venezuela resgatou seu papel de receptor de imigrantes. Os estrangeiros, em 1980, representavam 7,4% do total da população nacional. Nos anos 1990 ocorreu uma diminuição no volume da imigração para a Venezuela decorrente da crise econômica de fins dos anos 1980. No entanto, essa imigração volta a crescer, principalmente a partir da ascensão de Hugo Chavez ao poder, em 2002. O ápice dessa imigração venezuelana, não apenas na Espanha, mas na América do Sul ocorreu a partir de meados de 2016.

Até meados e fins do século XX, países como Brasil e Venezuela caracterizavam-se como países de acolhimento de parte dos fluxos europeus para as Américas. Esta etapa das migrações internacionais sofreu uma inversão e, decorrentes dos diversos fatores políticos, sociais e econômicos o fluxo de imigrantes passou das Américas para a Europa. A partir da década de 1950, a América Latina e o Caribe começaram o processo de emigração que, nos dias de hoje, constitui um fenômeno de grande dimensão. O número de emigrantes latino-americanos e caribenhos cresceu consideravelmente nos últimos anos, chegando a pouco mais de 21 milhões de pessoas em 2000 e a quase 26 milhões em 2005 (CEPAL, 2005). A década de 1970 destacou-se pelo aumento significativo de migrantes internacionais e intra-regionais entre os países ibero-americanos. Estas cifras, que não incluem a mobilidade temporal, equivalem à população de um país da região de tamanho demográfico médio e representam 13% dos migrantes internacionais existentes no mundo.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Este percentual supera a proporção da população mundial correspondente à América Latina e ao Caribe, que é de 8,6% (CEPAL, 2005). Mais de 3,7 milhões de latino-americanos e caribenhos que se encontram fora da região não residem nos Estados Unidos.

Segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano publicado pelo PNUD, em 2009, a maioria dos deslocamentos populacionais no mundo não é aquele entre os países em desenvolvimento e os países desenvolvidos e, sequer, aquele que se verifica entre países. Esses dados, de certa forma, contribuem para desmistificar o senso comum de que as pessoas migram porque se encontram em situações de extrema pobreza e vulnerabilidade:

A esmagadora maioria das pessoas que se desloca fá-lo dentro do seu próprio país e entre as pessoas que se deslocaram atravessando fronteiras nacionais, pouco mais de um terço mudaram-se de um país em desenvolvimento para um país desenvolvido – menos de 70 milhões de pessoas. A maioria dos 200 milhões de migrantes internacionais do mundo mudou-se de um país em desenvolvimento para outro, ou entre países desenvolvidos (PNUD, 2009, p 2).

Dentre os novos destinos extras regionais das migrações internacionais no século XXI, destacam-se a Espanha, configurando-se como o segundo destino mais importante dos migrantes regionais, seguido do Canadá e do Japão (CEPAL, 2005). A Espanha, em pouco mais de um quarto de século converteu-se de um país de emigração em um dos países da União Europeia que tem acolhido um grande número de pessoas procedente de outros países. Em 2007, a Espanha apresentou uma das mais altas taxas de imigração da União Europeia, ou seja, números de estrangeiros em relação a população total, algo em torno de 10% ao lado da Irlanda e Áustria atrás apenas de Luxemburgo (MUNZON DE BUSTILLO e ANTON, 2010). Neste mesmo ano, os latino-americanos representavam um dos contingentes imigrantes mais numerosos da Espanha. Se, em 1996, a América Latina representava 17,4% da população imigrante, em 2007 este número saltou para 35,8%. Destes, os principais países emissores de migrantes são, em primeiro lugar Equador (25%), seguido de Colômbia (16,1%), Bolívia (12,26%) e Argentina (11,5%) que juntos representam dois terços de todos migrantes latino-americanos na Espanha. Brasil e Venezuela ocupam o 6º e 9º lugar, respectivamente, com 92.292 brasileiros (5,7%) e 53.302 venezuelanos (3,3%) (MUNZON DE BUSTILLO e ANTON, 2010, p. 21).



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Embora os imigrantes brasileiros não constituam grupo numericamente importante na Espanha quando comparados com outros grupos de latino americanos, verifica-se um incremento considerável nos últimos anos. Entre os anos de 2004 e 2005 o crescimento relativo foi algo em torno de 45% constituindo-se no terceiro coletivo de imigrantes, enquanto a Venezuela teve um crescimento, no mesmo período de 27,09% (RIPOLL, 2008, p 155). Considerando os dados apresentados por Munzon de Bustillo e Anton (2010) e Ripoll (2008) o crescimento relativo dos imigrantes brasileiros, no período de 2005 a 2007, foi de 41,3%. O Ministério de Relações Exteriores do Brasil estimou, em 2010, em 158.761 o número de brasileiros na Espanha (BRASIL/MRE, 2011).

O crescimento relativo da Venezuela no mesmo período foi de 7,7%. A pesquisa de campo que venho desenvolvendo na Venezuela (RODRIGUES, 2009, 2011) sobre a imigração de brasileiros para aquele país, tem sugerido que o venezuelano de classe média e alta tem emigrado para os EUA e Espanha. O de classes média e baixa imigram para os países vizinhos como Brasil, Colômbia, Guiana, Bolívia, Chile, entre outros.

Os dados oficiais sobre a imigração de brasileiros e venezuelanos na Espanha apontam tendências e são indicativos dos fluxos que não incluem a imigração irregular, portanto, pode-se supor que o quantitativo de imigrantes é bem maior do que apresenta os números oficiais. Em termos gerais, a população estrangeira na Espanha se concentra principalmente na Catalunha (21%), na comunidade de Madri (21%), na Comunidade Valenciana (16%) e em Andaluzia (11%). O Brasil segue este mesmo roteiro: Na Catalunha os brasileiros representam 21,69%, em Madri são 18,8%, na Comunidade Valenciana são 9,78% e em Andaluzia 9,27% da população destes lugares (RIPOLL, 2008, p 156). Segundo Cavalcanti (2014), os brasileiros formam um grupo de composição heterogênea em relação ao gênero, idade, grau de instrução, ocupação profissional, cor da pele, origens territoriais, sociais e econômicas, não se concentrando, especificamente, em determinados lugares o que gera a impressão de que são mais tolerados que outros coletivos de imigrantes. Para este autor, a mescla e diversidade existente na sociedade brasileira se reproduzem no contexto Espanhol e os brasileiros podem ser confundidos facilmente com árabes, asiáticos,



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

européus, permitindo, desta forma, não serem reconhecidos de imediato com imigrantes brasileiros, portanto, eximindo-se de situações constrangedoras uma relativa invisibilidade.

No entanto, em contraposição a afirmação de Cavalcanti (2014) é recorrente as representações e estereótipos em relação às brasileiras como prostitutas na mídia espanhola, levando-as a serem vítimas de preconceitos e discriminação. A deportação de brasileiros/as é uma constante na mídia, bem como nos dados estatísticos. O Brasil ocupa, hoje, a segunda posição no ranking de cidadãos impedidos de entrar na Europa, ficando atrás apenas da Albânia. Os principais destinos das mulheres que servem ao tráfico internacional são Espanha, Itália e Portugal (PESTRAF, 2002). As vítimas também são enviadas para a Suíça, Israel, França, Japão e Estados Unidos. Pesquisa revela que 76% das brasileiras deportadas da Europa poderiam ser vítimas de tráfico sexual. Outra característica das migrações transnacionais na atualidade é o aumento dos fluxos de população feminina, levando alguns autores a falarem em feminização das migrações transnacionais (ASSIS, 1999; ENGLE, 2005; PISCITELLI, 2009).

A feminização da imigração na Espanha por vários autores (PISCITELLI, 2009; RIPOLL, 2008). Para Ripoll (2008), dos imigrantes oriundos da América 54% é de mulheres e 46% de homens. A mesma autora afirma que o fluxo migratório brasileiro constitui-se de um dos mais feminizados na Espanha, ou seja, 64% do fluxo é de mulheres e 36% de homens.

### **V. Conclusiones**

Considerando este aspecto do crescimento do número de mulheres protagonistas das migrações transnacionais é possível perceber que este processo é vivido diferentemente por homens e mulheres, bem como por grupos étnicos nacionais (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000).

O Brasil tem se destacado neste processo de emigração. São mais de três milhões de brasileiros dispersos no mundo (BRASIL/MRE, 2011). Destes, sobressaem EUA, Japão, Paraguai, Reino Unido, Espanha, Portugal, Itália e França. A imigração para a Espanha tem apresentado um dos maiores índices de crescimento na última década, apesar das políticas de restrições e das deportações quase corriqueiras. Embora os brasileiros não representem um dos maiores



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

contingentes de imigrantes, o perfil predominante de mulheres no processo de deslocamento chama a atenção e torna-se um fenômeno importante a ser pesquisado. O perfil de brasileiros e brasileiras imigrantes na Espanha é de uma população em idade entre 25 a 34 anos, representando 39% dos brasileiros, seguidos do grupo de 35 a 44 anos (20%) e dos segmentos de 15 a 24 anos (19%) (RIPOLL, 2008, p.156). Em 2005, 86,30 dos brasileiros regulares eram assalariados e os 13% eram autônomos com idade média de 33 anos. As mulheres representavam 62% deste contingente (RIPOLL, 2005). Os setores de maior concentração de população imigrante seguem sendo o serviço doméstico, a agricultura, a hotelaria e a construção.

Quanto a ocupação ocorre uma especialização do trabalho segundo o sexo dos imigrantes ou o que alguns autores denominam de segregação ocupacional por razões de gênero (PARELLA RUBIO, 2003) ou *etnização do mercado de trabalho e hierarquização sexual* (FERNANDES, 2014; BASTIA, 2014). Este processo atinge principalmente as mulheres imigrantes, entre elas as brasileiras expostas aos riscos de precarização, de exclusão de postos oficiais de trabalho dificultando a integração na cultura de acolhimento. Estas imigrantes estão, portanto, sujeitas a todo tipo de violência simbólica, aos mecanismos sutis de dominação e exclusão social que são utilizados por indivíduos, grupos ou instituições (BOURDIEU, 1989).

A segregação por gênero coloca estas mulheres em situação subordinada, trabalhando em atividades desvalorizadas como o emprego doméstico e a prostituição. Outro fator que contribui para a desvalorização da força de trabalho das mulheres imigrantes é a etnização dos mercados laborais. Na Espanha, as brasileiras vivenciam preconceitos e estigmas que derivam não apenas do fato de serem latino-americanas, mas, principalmente pela erotização relacionada à cor da pele e pelas representações de tropicalidade, de uma suposta disponibilidade sexual (FERNANDES, 2014), produzindo um racismo etnicizado (PISCITELLI 2009) construído historicamente pela associação entre sexualidade e mestiçagem, entre gênero e nacionalidade. Exaltação aos atributos da tropicalidade é recorrente em diversos autores do pensamento social brasileiro em que a figura do índio, a exposição dos corpos nus ou seminus, do clima quente evocam a imagem de gente de pele escura, queimada e, portanto, a própria mestiçagem que constitui o ser nacional (RODRIGUES, 2014). Já a mestiçagem no pensamento social venezuelano tem significado diferente, porquanto



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

remete à agregação de diferentes, sem a amalgama ou fusão das raças propostos pelo conceito de *democracia racial*. Para o pensamento social venezuelano a mestiçagem é um fenômeno que se remonta à ordem de castas da colônia, quando se entendia que do cruzamento de brancos, índios e negros – as raças puras – surgiam sujeitos que, tendo perdido sua identidade, não tinham acesso ao reconhecimento de sua existência e, conseqüentemente, a nenhuma forma de direito. A mestiçagem é relatada como vergonhosa e conflitiva, como um complexo de inferioridade e o ressentimento do povo *mestizo* venezuelano. (RODRIGUES, 2014.) Brasil e Venezuela possuem características históricas e culturais muito semelhantes, principalmente por compartilharem uma origem colonial, processos de independência e construção da identidade nacional centrados na questão da mestiçagem. A história da Venezuela e do Brasil que, como todas as nações ibero-americanas, consolidaram-se a partir da expansão colonial europeia, a posterior afirmação da nação e do Estado e a subsequente integração na modernidade. A mestiçagem se refere ao processo de hibridação dos diferentes, seja em termos raciais, seja em termos culturais, enquanto o pertencimento acentua o sentimento dos sujeitos e da coletividade de que o lugar de nascimento faz parte fundamental de sua identificação. Daí resulta a articulação entre a mestiçagem e o lugar de nascimento como modo de exprimir o componente básico das identidades brasileira e venezuelana (RODRIGUES, 2014).

Como já demonstrado, Brasil e Venezuela experimentam dinâmicas migratórias atuais diferenciadas, apesar de possuírem algumas similaridades quanto aos processos socio históricos de constituição e formação das culturas e identidades nacionais centradas, entre outras coisas, na ideia de mestiçagem, caracterizavam-se como países receptores de imigrantes europeus até meados do século XX e, apresentam, atualmente, um grande fluxo de imigração, em especial de mulheres, como é o caso da Espanha.

## VI. Bibliografía

ASSIS, Gláucia de Oliveira(1999). Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *Estudos Feministas*. Universidade Federal de Santa Catarina. CFCH\CCE. v. 7, n.1-2 Florianópolis: UFSC. p.745–772.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

BAENINGER, Rosana(2002). *La migración internacional de los brasileños: características y tendencias*. Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía (CELADE). División de Población y desarrollo. Santiago de Chile, mayo.

BASTIA, Tanja (2014). La reproducción de las desigualdades de género en origen y em destino: un estudio transnacional a partir de las migraciones bolivianas. *Papeles del CEIC*, V. 2/2014, n.110, CEIC (Centro de Estudios sobre Identidad Colectiva), Universidad del País Vasco.

BASTOS, V.L e SILVA, M.L (1995). *Para entender as economias do terceiro mundo*. Brasilia, Editora UnB.

BATISTA JR., Paulo Nogueira (1998). Mitos da "globalização". *Estud. av.* vol.12. no.3. São Paulo Jan./Apr. 1998, pp. 125-186. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v12n32/v12n32a12.pdf>

BRASIL. MRE-Ministério das Relações Exteriores (2011). Subsecretaria Geral das Comunidades Brasileiras no Exterior (SGEB). Departamento Consular e de Brasileiros no Exterior (DCB). Divisão das Comunidades Brasileiras no Exterior (DBR). *Brasileiros no Mundo: Estimativas*. Terceira edição, junho de 2011. Disponível em <http://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/>

BONILLA, Marcelo (s/d). La construcción de la imagen y del estatuto del inmigrante – indocumentado em la España de la época de la globalización. *Colección Monografías 9*. Caracas: Programa Cultura, Comunicación y Transformaciones Sociales. CIPOST/FACES/Universidad Central de Venezuela. 35 pags. Disponível em: <http://www.globacult.org.ve/monografias.htm>.

BOURDIEU, Pierre (1989). *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, (coleção memória e sociedade).

CEPAL (2005). *Panorama Social de América Latina – 2004*. Santiago de Chile: Naciones Unidas.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (2000). Os (des)caminhos da identidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 15 no 42. fevereiro/2000, pp 1-21.

CAVALCANTI, Leonardo (2014). “Imigrantes”, “Imigrados”, “Estrangeiros”... e a fabricação do “outro” imaginário. A presença brasileira no contexto da imigração na Espanha. Disponível em: <<http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/relacoesinternacionais/article/viewFile/282/270>> Acessado em: 20 de dez. de 2014.

ENGELS, F (2008) “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra”. Tradução B. A. Schumann ; edição José Paulo Netto. - São Paulo: Boitempo, 2008. 388p

ENGLE, Lauren (2005). *The World in motion: short essays on migration and gender*. Geneva: International Organization for Migration.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

FERNANDES, Danubia de Andrade (2014). A mulher brasileira migrante nas mídias da Europa: uma revisão teórica sobre a representação de uma minoria no jornalismo. *Naveg@america*. Revista eletrônica editada por la Asociacion Espanola de Americanistas[en linea], 2014, n.13 Disponível em <Http://revistas.um.es/navegamerica>.

MARTINS, J. R (2015). Immanuel Wallerstein e o sistema-mundo: uma teoria ainda atual? *Iberoamerica Social: Revista –red de Estudios Sociales* (V). pp. 95-108. Disponível em <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/Martins-J.-R.-2015.-Immanuel-Wallerstein-e-o-sistema-mundo-uma-teoria-ainda-atual.-Iberoamérica-Social-revista-red-de-estudios-sociales-V-pp.-95-108.pdf>.

MATO, Daniel (2003). Políticas de Identidades y diferencias Sociales en tiempos de globalización. In: \_\_\_\_\_. (coord.) *Políticas de Identidades y diferencias Sociales en tiempos de globalización*. Caracas: FACES/UCV.

MUÑOZ DE BUSTILLO, Rafael e ANTÓN, José-Ignacio (2010). *De la España que emigra a la España que acoge*: contexto, dimensión y características de la inmigración latinoamericana en España. Ediciones Universidad de Salamanca. *América Latina Hoy*, 55, 2010, pp. 15-39. Disponível em

PARELLA RUBIO, S.(2003). Mujer, inmigrante y trabajadora: la triple discriminación. *Textos y Temas*. Ciencias Sociales, n.º 36. Migraciones, proyecto editorial Barcelona: Anthropos.

PERALVA, Angelina (2007). *Globalização, migrações transnacionais e identidades nacionais*. “Projeto nova agenda para a coesão social na democracia na América Latina”. Instituto Fernando Henrique Cardoso. São Paulo, julho.

PESTRAF (2002). *Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para Fins de Exploração Sexual Comercial no Brasil*. Brasília: CECRIA, 2002. Disponível em [www.cecria.org.br](http://www.cecria.org.br)

PISCITELLI, Adriana (2009). As fronteiras da transgressão: a demanda por brasileiras na indústria do sexo na Espanha: In: Sexualidad, salud y sociedad. *Revista Latinoamericana*. N 1- 2009, pp 177-201.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2009). *Relatório de Desenvolvimento Humano 2009*. Ultrapassar barreiras. Mobilidade e desenvolvimento humanos. Coimbra, Portugal: Edições Almedina, p 229.

RIBEIRO, Gustavo Lins (1997). A Condição da Transnacionalidade. *Serie Antropologia*, n. 223. Brasília- DF: DAN/UnB. Disponível em <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie223empdf.pdf>



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RIPOLL, Erika Masanet (2008). O Brasil e a Espanha na dinâmica das migrações internacionais: um breve panorama da situação dos emigrantes brasileiros na Espanha. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*. São Paulo, V. 25, n.1, jan/junho, 2008, p 151-165.

RODRIGUES, F.S ( 2006) Migração transfronteiriça na Venezuela. *Estudos Avançados* 20 (57). São Paulo: EDUSP, 2006, p. 197–207.

\_\_\_\_\_ (2009). Migração para o trabalho: uma análise da migração laboral em Boa Vista e Pacaraima (Roraima-Brasil) e Santa Elena do Uairén (estado Bolívar-Venezuela). *XIV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS NORTE E NORDESTE - GT 23 - Migrações Internacionais*. Anais. Recife (PE), setembro.

\_\_\_\_\_ (2011). Estudos Transdisciplinares na Amazônia Setentrional et. al. Migração e relações de trabalho na fronteira Pan- Amazônica. *Relatório de Pesquisa (2009-2011)*. Boa Vista-RR, CNPq/UFRR.

\_\_\_\_\_ (2014). *Nacionalidade no Pensamento Social e Brasileiros e o lugar Guayana*. Manaus: EDUA.

SAYAD, Abdelmalek (1999). *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Prefacio Pierre Bourdieu: tradução Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

TORRES, I. C. e OLIVEIRA, M. M. (2012). *Tráfico de Mulheres na Amazônia*. Florianópolis: Dd. Mulheres, 2012

WALLERSTEIN, I. (1974a). *O sistema mundial moderno*. Vol. I: a agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI. Porto: Ed. Afrontamentos.